

Entre os múltiplos “lá” e “cá”: a pluralidade e a transitoriedade da identidade etnocultural dos imigrantes italianos em Curitiba no final do século XIX

Among the multiple “there” and “here”: the plurality and transience of the ethnocultural identity of Italian immigrants in Curitiba in the late nineteenth century

Fábio Luiz Machioski*

Resumo

Este artigo almeja apresentar o caráter múltiplo e transitório da identidade dos sujeitos que migram. Nele, procuramos, com base no debate pós-estruturalista, problematizar a questão da formação da identidade (i)migrante como um processo histórico e um fenômeno social, nos afastando da ideia de que as identidades são essencializadas e naturalizadas, ou seja, são rígidas e imutáveis. Para tanto, apoiamos a discussão que aqui apresentamos em uma série de conceitos e definições, não só de historiadores que seguem essa linha de pensamento, mas sobretudo de filósofos, antropólogos e sociólogos que apontam para o tema da construção da identidade em seus estudos sobre cultura e sociedade. Entre os estudiosos, que com seus apontamentos contribuíram para a construção do presente texto, podemos citar: Arendt, Candau, Cuche, Lesser, Prat I Carós, Sayad, Silva e Thomson. Nosso maior interesse em ampliar o debate sobre as características da identidade (i)migrante está diretamente ligado à investigação que fazemos sobre o processo de identificação dos imigrantes italianos que se estabeleceram na região de Curitiba no final do século XIX. Nessa direção, em um segundo momento, a fim de desenvolver um trabalho empírico, procuramos detectar quais representações de italianidade existiram entre os indivíduos pertencentes ao referido grupo étnico instalado na capital paranaense. Da mesma forma, buscamos evidenciar como esses sujeitos mantiveram sua identidade imigrante em deslocamento, ou seja, entre os múltiplos “lá” e “cá”, mesmo diante das representações étnicas identitárias fixas que eram impostas pelos grupos sociais com os quais estavam em contato.

Palavras-chaves: Pluralidade, Transitoriedade, Identidade Imigrante, Representação Identitária, Italianidade.

* Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná em 2018. Coordenador do Museu Municipal Cristoforo Colombo, vinculado ao Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Colombo. E-mail: fabiomachioski@gmail.com

Abstract

This article aims to present the multiple and transitioning character from the identity of the subjects that migrate. Based on the poststructuralist discussion, we are seeking to problematize the question of the (i)migrant identity's formation as a historical process and social occurrence, moving us away from the idea that the identities are essentialized and naturalized, in other words, rigid and unchangeable. To do this, we support the reflection that is presented here in a series of concepts and definitions, not only from historians who follows this line of thought, but mainly from philosophers, anthropologists and sociologists that points to the theme of identity construction in their studies about culture and society. Among the studians that contributed with their appointments for the construction of this text, we could quote: Arendt, Candau, Cucho, Lesser, Prat I Carós, Sayad, Silva e Thomson. Our bigger interest in amplify the debate about the (i)migrant identity's characteristics is directly linked with the research that we make about the identification process the italian immigrants that stablished in the region of Curitiba at the end of the XIX century. In this direction, at a second moment, in order to develop an empirical work, we try to detect which representations of the italianity were among the individuals belonging to the referred ethnic group that fixed in the capital of Paraná. In the same way, we seek to evidence how those subjects kept their immigrant identity in displacement, in other words, between the multiples "there" and "here", even before the changeless ethnics identities representations, that were imposed by the social groups which they were in contact.

Keywords: Plurality, Transience, Immigrant Identity, Identity Representation, Italianity.

Introdução

Este artigo almeja apresentar uma discussão em torno do caráter múltiplo e transitório da identidade dos sujeitos que migram. Acreditamos que os indivíduos que deixam seu lugar de origem para se fixar num outro espaço físico, seja ele um outro continente, país, região ou cidade, têm sua identidade etnocultural transformada por este processo de deslocamento que conhecemos como (i)migração.¹ Isso porque entendemos que a identidade dos sujeitos

¹ Optamos pelo uso do termo etnocultural, pois acreditamos ser um conceito que define o processo de identificação social por meio do qual um grupo de indivíduos, de uma mesma origem étnica, constrói um

se constitui, e pode ser reconstruída, por meio dos contatos e das relações que os mesmos estabelecem nos espaços sociais em que vivem.

Essa nossa afirmação está apoiada na ideia defendida pelo antropólogo e sociólogo Denys Cuche, que afirma que “a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros com os quais está em contato”.² Portanto, cremos que a identidade do sujeito migrante é alterada por meio dos contatos e experiências que este irá estabelecer com os novos grupos sociais que compõem o novo espaço físico no qual vai se fixar.

Nesta direção, pretendemos discutir no presente texto algumas questões sobre o processo de reconstrução da identidade do migrante. Um primeiro problema que surge na nossa percepção é a respeito da identidade de origem: o que o sujeito que migra faz com o sentimento identitário que adquiriu anteriormente no seu lugar de procedência? Esse sentimento de pertença anterior desaparece quando o indivíduo se instala no lugar de destino, ou seja, quando se torna um migrante? Em outras palavras, o que o migrante faz com a identidade que possuía no “lá” que deixou para trás?

Da mesma maneira, temos a intenção de realizar uma discussão a respeito do novo processo de identificação que o migrante sofre no seu lugar de destino. Podemos afirmar, de fato, que ao se fixar em um outro espaço físico o sujeito assume para si uma nova identidade? Imaginando que sim, esta última permanece inalterada durante todo o restante da vida do migrante no lugar de destino? Ou seja, podemos considerar que a identidade do sujeito migrante se torna estável ao final do processo de deslocamento espacial? Em outras palavras, o sujeito migrante é capaz de fixar uma única identidade no “cá” no qual se estabelece? Tendo se fixado no “cá” ele consegue estabelecer para si também um único sentimento de pertença?

Tendo essas indagações como ponto de partida para a realização da discussão a qual nos propomos, serão apresentados na primeira parte do texto vários conceitos e ideias a respeito da migração e da identidade, na tentativa de responder às questões levantadas sobre o processo de identificação do sujeito migrante. Tais definições que apresentaremos foram formuladas tanto por historiadores que se dedicam ao tema da migração, como também por outros estudiosos, como filósofos, antropólogos e sociólogos, que

sentimento de pertença coletiva com o objetivo de se auto reconhecer e diferenciar em meio à diversidade existente em uma sociedade multicultural. Sendo assim, estamos considerando que a construção de uma identidade étnica é uma forma, dentre outras, de identificação social.

² CUCHE, Denys. Cultura e identidade. In: _____ A *noção de cultura nas ciências sociais*. Trad. Viviane Ribeiro. 2. ed. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 182.

investigam a temática da construção da identidade em seus estudos sobre cultura e sociedade.

Nosso maior interesse em encontrar respostas para essas questões que levantamos anteriormente é ampliar a discussão específica que desenvolvemos em torno do processo de imigração de um grupo étnico em particular. Há algum tempo temos nos debruçado sobre a imigração italiana na região de Curitiba, com o intuito de investigar o processo de construção da identidade desses imigrantes que se instalaram na capital paranaense no final do século XIX.

Mais especificamente, estamos preocupados em perceber os discursos e ações que foram promovidos e assumidos, e que assim propiciaram o forjar da identidade sociocultural desses italianos em terras brasileiras. Isso porque acreditamos, como afirma Hannah Arendt, que “na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades, pessoais e singulares, entram como que no palco do mundo onde antes não eram visíveis”³. Dessa forma, assim como a referida filósofa alemã, estamos preocupados em demonstrar o caráter intersubjetivo das identidades, especificamente da identidade imigrante. Segundo Heuer, em sua análise sobre o totalitarismo,

Arendt critica a separação, na era moderna, dos homens em “eu” e “eles”, desenvolvendo o conceito de um mundo da intersubjetividade, do entre os homens, no qual “eu” e “eles” têm que ser definidos novamente a partir do “entre”. A cesura cartesiana de sujeito e objeto é substituída por um “nós” que não é coletivo, senão plural, e que contém o “eu”, o “você” e o “eles”.⁴

Nessa direção, depois da apresentação da série de conceitos e ideias sobre imigração e identidade sobre as quais pretendemos apoiar nossa discussão, analisamos como ocorreu a organização sociocultural dos imigrantes italianos em torno da capital do Paraná. Isso porque, como já defendemos acima, cremos que a constituição da identidade se dá por meio das experiências particulares, assim a imigração italiana para a região de Curitiba deve ser vista como um processo único que merece ser estudado em suas especificidades.

Portanto, na última parte do texto traremos a trajetória de vida de alguns imigrantes pertencentes ao grupo étnico que investigamos. Com isso,

³ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983, p. 192.

⁴ HEUER, Wolfgang. Nem “eu” nem “eles”, intersubjetividade no pensamento de Hannah Arendt. In: NAXARA, Marcia; MARSON, Izabel; BREPOHL (orgs.). *Figurações do outro na história*. Uberlândia, EDUFU, 2009, p. 159.

pretendemos perceber se esses mantiveram de alguma forma sua identidade de origem, se criaram para si um novo sentimento identitário, se essa nova identidade apresentou uma unicidade e se ela permaneceu a mesma durante toda a trajetória de vida desses sujeitos imigrantes no seu novo espaço social.

A transitoriedade e a pluralidade da identidade (i)migrante

Com o propósito de iniciar nossa discussão, que tem por finalidade perceber o caráter transitório e plural da identidade dos sujeitos (i)migrantes, convém primeiramente apresentar uma definição que se aproxima da nossa percepção sobre o que é (i)migração. De acordo com o filósofo e antropólogo Joan Prat I Carós, que analisou histórias de vida de sujeitos que migraram, migração é o processo no qual um indivíduo deixa um lugar para se dirigir a outro. Nas palavras do autor, imigração é

... el proceso por el que alguien deja su país (o su región si la migración es interna) para irse a otro país o a otra región. La acción de migrar supone pues un cambio espacial que implica como mínimo una nueva residencia y a menudo una nueva sociedad, unas costumbres distintas, etc. Desde nuestra perspectiva, el emigrante es el que realiza la partida o el éxodo desde el punto de vista de su lugar de procedencia. En cambio, el inmigrante, es el mismo emigrante, pero ahora visto desde la óptica del país de llegada. O dicho de forma aún más primaria: el emigrante es el que se va, el inmigrante el que llega.⁵

Essa definição de imigração apresentada acima aponta para a ideia de que o sujeito que passa por esse processo se transforma, já que muda não somente para uma nova residência, mas para uma nova sociedade. Esse novo espaço social definirá o indivíduo migrante de forma diferenciada daquela da sociedade de origem, tanto que “lá” no lugar de partida ele é definido como um emigrante, como aquele que se vai, e no “cá” que é o seu lugar de destino ele é chamado de imigrante, como aquele que chega.

Porém, na nossa concepção, essa explicação define bem o que acontece com o deslocamento físico, mas não explica como ocorre a transformação da identidade desses indivíduos que migram. Isso porque, na nossa compreensão, a identidade dos sujeitos migrantes estará em constante movimento, ou seja, em um processo contínuo de deslocamento, que não se define somente pelos eventos pontuais da partida do local de origem e da chegada no lugar de destino. Tanto que o sujeito será sempre lembrado como um emigrante em seu lugar de procedência e considerado sempre um imigrante pela sociedade

⁵ PRAT I CARÓS, Joan. En busca del paraíso: historias de vida y migración. In: *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*. Madrid, 2007, julio-diciembre, vol. LXII, n. 2, p. 22.

receptora, como que para afirmar que a transformação não termina com o deslocamento físico.

Nessa direção, no que se refere à questão do sentimento identitário do imigrante, compreendemos que emigrante não é aquele que se foi, mas sim que está indo, partindo, ou seja, aquele que continuará carregando consigo de alguma forma a identidade do seu local de origem, não importa a quanto tempo tenha sido a sua partida física. Da mesma maneira, imigrante não é aquele que chegou, mas sim o que está chegando, aquele que está se estabelecendo no seu novo espaço social, não importa há quanto tempo tenha ocorrido a sua chegada física.

O “lá” que define o indivíduo como emigrante e o “cá” como imigrante estarão sempre presentes no jogo da construção da identidade, e o sujeito (i)migrante estará entre eles. Assim, a identidade do sujeito que se desloca continuará em processo de migração, ou seja, permanecerá em trânsito. Essa nossa ideia vai ao encontro do que aponta o historiador Alistair Thomson, que pesquisou histórias de vida e experiências migratórias de senhores australianos. Após se debruçar sobre as memórias desses sujeitos por meio da história oral, o autor nos apresenta o seguinte conceito sobre migração:

Defino “migração” incluindo tanto migrações internacionais quanto intranacionais e, como a maioria dos estudos de história oral, enxergo a passagem física da migração de um lugar para o outro como apenas um evento em uma experiência migratória que abarca velhos e novos mundos e que continua por toda a vida do migrante e pelas gerações subsequentes.⁶

Entendemos que ao afirmar que a experiência migratória abarca velhos e novos mundos que continuam presentes por toda a vida do migrante, Thomson está apontando para o caráter transitório e múltiplo da identidade dos sujeitos que migram. Isso nos leva a conceber a ideia de que a identidade do imigrante não é estática e única, e sim mutável e plural, já que o indivíduo ao migrar não viverá nem no “lá” e nem no “cá”, mas sim “entre” seus antigos e novos sentimentos de pertença. Neste sentido, o mesmo historiador aponta para o fato de que

O testemunho oral dos migrantes – em que os narradores descrevem o processo de aprender a viver em um novo mundo, as colisões entre os antigos e os novos costumes, e a criação de novos entendimentos do *self* e da sociedade – evidencia a natureza mutável e os significados complexos da identidade na experiência dos migrantes.⁷

⁶ THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos de migração. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, pp. 341-342.

⁷ *Ibidem*, p. 358.

Portanto, ao analisar os relatos de sujeitos migrantes, o referido pesquisador constatou que no processo de estabelecimento no novo espaço social o indivíduo irá se deparar com colisões entre antigos e novos hábitos. Entendemos que isso ocorra porque a antiga identidade sociocultural do indivíduo que migrou estará presente no momento em que o mesmo procurará definir para si um novo sentimento identitário. O que restou do antigo fará parte, ao menos de alguma forma, do novo e vice-versa.

Acreditamos que a permanência dessa antiga identidade do sujeito que migrou será ainda mais forte se este se estabelecer no lugar de destino juntamente com um grupo étnico do mesmo lugar de procedência. Isso porque esse grupo será portador de uma memória coletiva que buscará promover uma representação externa da antiga identidade, por meio da manutenção de velhos hábitos e costumes adquiridos no local de origem. Essa representação da etnicidade promoverá a permanência da antiga identidade do sujeito imigrante, ou seja, haverá a promoção da manutenção do antigo sentimento identitário por meio da memória reforçada pelo grupo. Segundo o antropólogo Joël Candau, essa se constituirá em uma memória forte que influenciará no processo de constituição da identidade do sujeito (i)migrante.

Denomino memória forte, uma memória massiva, coerente, compacta e profunda, que se impõe a uma grande maioria dos membros de um grupo... Uma memória forte é uma memória organizadora no sentido de que é uma dimensão importante da estruturação de um grupo, e por exemplo da representação que ele vai ter de sua própria identidade.⁸

Portanto, este último autor afirma que a memória forte é organizadora e estruturadora da identidade coletiva dos grupos étnicos. Esse sentimento de pertença promovido por essa memória coletiva que é capaz de produzir uma representação da identidade, e por isso mesmo é chamada de forte, impedirá que o indivíduo imigrante se separe inteiramente da identidade adquirida antes do processo de (i)migração.

Segundo Prat I Carós, esse processo (i)migratório pode ser dividido em 3 fases: separação, marginalização e agregação, explicado da seguinte maneira:

La marcha, la separación, ejemplificadas por la despedida y el dolor que la misma conlleva, perfilan la primera fase; el viaje que sirve para poner distancia entre el allá y el aquí sería el momento del margen propiamente dicho (con ejemplos de solidaridad y *communitas* intensos entre los liminales), mientras que la agregación se iniciaría con la llegada al aquí, al lugar de destino.⁹

⁸ CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 44.

⁹ PRAT I CARÓS, op. cit., p. 41.

Porém, ao tratarmos da identidade do sujeito que migrou percebemos que a fase da separação não acontece por completo, sobretudo se este estiver inserido em um grupo étnico imigrante que, por meio da representação promovida pela memória coletiva, impedirá o desligamento do indivíduo do seu antigo sentimento identitário. Da mesma maneira, a influência dessa memória forte do grupo não permitirá que aconteça uma completa agregação com a sociedade receptora.

Assim, podemos dizer que o que se estabelece e permanece com o processo de (i)migração é um sentimento de marginalização, que se inicia com a viagem e que não terá mais fim. O sujeito (i)migrante terá sua identidade colocada à margem, já que não conseguirá mais pertencer inteiramente nem ao “lá” e nem ao “cá”. Seu sentimento identitário permanecerá marginalizado, deslocado pelo restante da sua existência, à medida que será um “entre” lugares.

Dessa forma, o imigrante se constituirá em um sujeito alógeno, sem lugar definido. Um sujeito visto como indefinido, que passará o restante da sua vida em deslocamento, em busca de um lugar, de uma definição, ou seja, de uma identidade. Segundo Sayad, o processo de imigração vai causar essa indefinição na constituição identitária do indivíduo que migra, devido à sensação de provisoriedade que ele comporta.

Por não conseguir sempre pôr em conformidade o direito e o fato, a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade.¹⁰

Diante dessa afirmação, entendemos que o imigrante viverá “entre” o provisório e o duradouro, já que mesmo estando em um local definitivo permanecerá com a sensação de provisoriedade, por saber que este não é o seu lugar de origem. Assim, a provisoriedade se constituirá para o imigrante como um sentimento definitivo, por isso ele passará o restante de sua vida em busca de uma identidade, por meio de representações externas com as quais ele tentará definir sua cultura. Essa nossa afirmação vai ao encontro da ideia de cultura imigrante defendida por Denys Cuhe:

¹⁰ SAYAD, Abdelmalek. O que é um Imigrante? In:..... *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 45.

A “cultura dos imigrantes” é definida a partir de toda uma série de sinais exteriores (práticas alimentares, religiosas, sociais, etc.) cujo significado profundo ou coerência não são compreendidos, mas que permitem situar o imigrante enquanto imigrante, lembrar suas origens e, segundo a expressão de Sayad, “lembrá-lo de suas origens” o que é uma maneira de “colocá-lo em seu lugar”.¹¹

Portanto, compreendemos que o forjar da nova identidade cultural do imigrante se constituirá por meio de representações, que serão uma tentativa de recriar o antigo sentimento identitário. Da mesma forma, entendemos que a representação externa será uma espécie de estratégia usada para tentar fixar a identidade do sujeito imigrante tornada móvel pelo processo de deslocamento.

Nessa direção, acreditamos que esse novo processo de identificação se dará por meio da negociação que o indivíduo fará mediante os contatos que vai estabelecer com os grupos sociais, incluindo aqui o próprio grupo imigrante, que conseqüentemente promoverão a constituição de uma nova identidade. Esta ideia de negociação é apresentada pelo historiador Jeffrey Lesser que procurou evidenciar a influência da sociedade receptora no processo de reconstrução da identidade imigrante. Este autor afirma:

Ao comparar e contrastar diferentes grupos imigrantes e seus descendentes em diversas regiões de uma única nação, argumento que a formação das identidades é condicionada pelo novo Estado nacional que recebe os imigrantes, e não apenas pela antiga nação que os envia.¹²

Entendemos que, ao defender a influência da sociedade receptora no novo processo de identificação do sujeito imigrante, o referido autor aponta para a ideia de que a identidade original não permanece estática e única, mas sim é movimentada e pluralizada pelos novos contatos sociais. Isso se confirma quando o mesmo afirma que “a identidade e a etnicidade são sempre construções históricas, e não heranças recebidas como parte de algum tipo de essência cultural ou biológica”.¹³

Nessa direção, compreendemos que os diferentes grupos sociais que formarão o novo espaço social no qual o sujeito que imigrou irá se inserir, incluindo neste o próprio grupo imigrante como parte integrante desta nova sociedade, serão os responsáveis pela incessante busca deste indivíduo por uma nova identidade. Serão as múltiplas identidades, presentes nos diferentes grupos sociais, que manterão a identidade do sujeito imigrante em trânsito.

¹¹ CUCHE, op. cit., p. 144.

¹² LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 20.

¹³ *Ibidem*, pp. 20-21.

Será por meio da diferenciação, da tentativa de se distanciar deste grupo, e ao mesmo tempo de se aproximar daquele outro, que o sujeito imigrante viverá em um contínuo processo de identificação.

Portanto, é na ação de se colocar neste ou naquele grupo social que o imigrante procurará estabelecer para si uma nova identidade. Mas por estar “entre” o “lá” e o “cá”, nem inteiramente neste e nem toda naquele, que esta nova identidade nunca será fixada ou se tornará única, ela terá sempre um caráter instável e plural de mobilidade, capaz de cruzar as fronteiras artificiais impostas pelas representações. Conforme afirma Silva, cruzar fronteiras significa mover-se entre territórios simbólicos, desrespeitando os limites artificiais das diferentes identidades. Segundo este último autor

A possibilidade de “cruzar fronteiras” e de “estar na fronteira”, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter “artificialmente” imposto das identidades fixas. O “cruzamento de fronteiras” e o cultivo propositado de identidades ambíguas é, entretanto, ao mesmo tempo uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação de identidade.¹⁴

Acreditamos que, por viver cruzando fronteiras, a identidade do sujeito imigrante não pode ser considerada como estável e única, mas sim será uma identidade móvel e plural, permanecerá em trânsito, sempre se multiplicando. Essa multiplicidade será mantida por meio dos novos contatos sociais, que manterá a identidade em fluxo, em deslocamento, em constante transformação, e ao mesmo tempo impedirá que ela assuma uma rigidez e uma unicidade. Portanto, de acordo com o que têm apontado os estudos culturais contemporâneos, defendemos que a identidade do sujeito imigrante é caracterizada por sua transitoriedade e pluralidade.

O “lá” e o “cá”: representações da identidade imigrante italiana em Curitiba

Na intenção de perceber a veracidade dessa transitoriedade e pluralidade da identidade dos sujeitos que migram, passaremos agora a analisar o processo de identificação vivido pelos imigrantes italianos que se estabeleceram na região de Curitiba no final do século XIX.

Foi a partir do ano de 1878, depois de experiências negativas com as colônias criadas no litoral paranaense, que a região de Curitiba passou a receber

¹⁴ SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 89.

grande número de imigrantes italianos. Esses estrangeiros se instalaram tanto na área central da capital paranaense, como nos seus arredores. No centro urbano, inúmeras famílias italianas fixaram-se na região das ruas América, São Francisco, Riachuelo, Presidente Farias e Aquibadan e na região das Mercês ou, ainda, na região sul da cidade, à rua Ivaí, Iguaçu, Silva Jardim e Sete de Setembro. Eram estes comerciantes e profissionais liberais.

Sabemos, porém, que a maior parcela desses imigrantes se fixou em regiões mais distantes, ocupando núcleos coloniais agrícolas, já existentes ou criados para tal finalidade, localizados a distâncias que variavam de 2 até 30 quilômetros do centro urbano. Essas colônias seriam: Alfredo Chaves (Colombo), Santa Felicidade, Senador Dantas (Água Verde), Orleans, Argelina, Novo Tirol (Piraquara), Murici e Zacarias (São José dos Pinhais) e Antonio Rebouças (Campo Largo). Durante a década de 1880, muitos outros italianos continuaram a chegar, fixando-se, ou no centro urbano, ou em terras vizinhas aos núcleos coloniais já existentes, ou ainda em colônias que eram criadas para acolher esses imigrantes. Entre essas últimas, podemos citar as colônias Santa Gabriela, Antonio Prado, Presidente Faria, Maria José, Eufrasio Correia e Mendes Sá.

Como todo imigrante, esses italianos trouxeram consigo suas tradições e seus ideais particulares. Porém, isso não significa que se tratava de um grupo homogêneo, havia diversidade de ordem social, política, econômica e religiosa, fato que determinou que os imigrantes instalados no meio urbano e aqueles fixados em áreas rurais seguissem ritmos distintos de organização social e cultural. Esse fato nos permite apontar para o surgimento de um fator de diferenciação que acreditamos vai interferir no processo de identificação desses imigrantes. Ao surgir a diferença, que estamos chamando neste texto de “lá” e “cá”, surge uma divisão: os italianos do lado de “lá”, o grupo do “eles”; que dependendo do ponto de vista dos do lado de “cá”, do “nós”, podiam estar na cidade ou no meio rural.

Para os italianos instalados nas colônias agrícolas do meio rural, que na maioria eram oriundos de pequenas localidades da região do Vêneto, a vida social girava em torno da religião. Segundo Balhana, esses imigrantes encontravam “na fé religiosa e na assistência de seus pastores um elo de proximidade e de identificação cultural, que possibilitava ultrapassar o trauma da mudança e da adaptação às novas contingências e estruturas”.¹⁵ Foi o que constatou

¹⁵ BALHANA, Altiva Pilati. *Religião e Imigração no Brasil Meridional*. In: Westphalen, Maria Cecília (org.). *Un Mazzolino di Fiori*. Vol. III. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002, p. 295.

também Alvim, ao afirmar que “esses imigrantes não descansavam enquanto não construíssem uma capela e não tivessem um padre para rezar a missa”.¹⁶

Foi exatamente o que ocorreu na região de colonização italiana dos arredores de Curitiba. Depois de alguns anos, dependendo da visita esporádica de sacerdotes vindos de longe e da emissão de vários abaixo assinados solicitando um padre italiano, as autoridades eclesiásticas acharam por bem criar, em 14 de fevereiro de 1888, uma Capelania Curada Italiana. Segundo o primeiro parágrafo deste decreto episcopal, a referida capelania seria constituída pelos seguintes indivíduos:

... catholicos imigrados da Itália e seus filhos domiciliados nos ex-núcleos coloniais ora emancipados que são os seguintes: Dantas ou Água Verde, Santa Felicidade, Campo Comprido, e Alfredo Chaves da Parochia de Nossa Senhora da Luz de Corityba; Antônio Rebouças ou Timbutuva e Jugica Mendes da Parochia de Nossa Senhora da Piedade de Campo Largo; Santa Maria do Novo Tyrol, Murici e Zacarias da Parochia do Patrocínio de São José dos Pinhaes da comarca eclesiástica de Corityba da Província do Paraná, deste Bispado, que de sua muito livre e espontânea vontade, se quiserem inscrever como applicados ou jurisdicionados nesta Cappelania.¹⁷

Este decreto determinou também que a capelania ficaria sob os cuidados de padre Pietro Colbacchini, sacerdote italiano da região do Vêneto, que veio para o Brasil em 1884, e que primeiramente se estabeleceu em São Paulo, mas que desde 1886 passou a atender espiritualmente os colonos italianos no Paraná. Este religioso possuía características ultramontanas e romanizadoras e, por esse motivo, além de se manifestar sobre as questões da fé, pretendia também doutrinar os imigrantes sobre o comportamento político e social.

Portanto, já a partir de 1886, e oficialmente de 1888, os imigrantes italianos fixados no entorno de Curitiba passaram não só a receber assistência espiritual permanente, como também a contar com uma liderança religiosa que consideravam ser o seu legítimo representante. Acreditamos que este foi um passo decisivo à construção da identidade desse grupo de estrangeiros em terras brasileiras.

Por sua vez, também os imigrantes italianos fixados no centro urbano da capital paranaense se organizaram social e culturalmente, mas não através da religião católica, e sim por meio do amor pela pátria de origem, a Itália, recém unificada. Sobre este segundo grupo, Azzi afirma que, “carregavam

¹⁶ ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVECENKO, N. (org.). *História da Vida Privada no Brasil: Da Belle époque a era do rádio*. Vol. 3. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 261.

¹⁷ Portaria de 14 de fevereiro de 1888, referente à Capelania Italiana, transcrita no Livro 2 da Vigararia Geral Forese, p. 118, do Arquivo da Cúria Metropolitana de Curitiba.

a bandeira da italianidade, eram imigrantes de maior cultura, em geral maçons e liberais, e por vezes com espírito declaradamente anticlerical.”¹⁸ Para esse grupo urbano, portanto, composto por comerciantes, intelectuais de diferentes matizes políticas e ideológicas, liberais, anarquistas e maçons, o sentimento de italianidade tinha um cunho nacionalista e deveria ser mantido pela exaltação dos valores patrióticos.

Neste contexto, surge em Curitiba um segundo grupo de imigrantes italianos, que pautava a sua identidade étnica no nacionalismo trazido da Itália unificada, onde os valores a serem preservados e exaltados eram a língua italiana culta, as datas comemorativas da pátria de origem e os personagens da unificação, como Vittorio Emanuele e Giuseppe Garibaldi.

Este último, famoso líder da unificação italiana, inclusive emprestou seu nome à sociedade fundada em 1883 por esses italianos do centro urbano. Neste mesmo ano, os imigrantes, pertencentes à referida sociedade, promoveram uma festa para comemorar o dia 20 de setembro, data da tomada de Roma pelo exército italiano. O evento foi assim registrado pela imprensa local:

A ilustre e patriótica Sociedade Beneficente Italiana desta capital, comemorando o aniversário da triunfante entrada das tropas italianas em Roma, reuniu-se na tarde de 20 do corrente para festejar aquela data gloriosa para o povo italiano. [...] Presidia aquela reunião o digno presidente da Sociedade Italiana de Beneficência, o Sr. João Corgui. Durante o lunch a confraternização entre todos era a mais perfeita; parecia que um sentimento íntimo de verdadeiro patriotismo prendia o coração de cada conviva à ideia de um feito glorioso para a Itália. Durante a refeição muitos e entusiásticos vivas foram erguidos; saudações diversas foram feitas e de cada coração sentia-se irromperem-se radiantes chamas do mais puro patriotismo. Ali, debaixo da maior ordem, comemorava-se uma gloriosa época para a Itália, cuja luz refletindo por sobre o mundo inteiro, ainda hoje ilumina os povos civilizados. Pelo ilustre Dr. Justiniano de Mello foi levantada uma saudação à memória do grande Garibaldi. Nesta ocasião o entusiasmo foi delirante, e os Srs. Pedro Bruni e Affonso Netto cantaram maravilhosamente o belo hino de Garibaldi.¹⁹

Notamos claramente, por meio da descrição do evento narrado por este extrato de jornal, que este último grupo era de fato formado pelos italianos de mentalidade liberal e nacionalista fixados no centro urbano da capital paranaense, que se identificavam etnicamente por meio dos símbolos patrióticos da unificação italiana.

¹⁸ AZZI, Riolando. Fé e italianidade: a atuação dos Escalabrinianos e dos Salesianos junto aos imigrantes. In: DE BONI, Luiz A. (org.) *A presença italiana no Brasil*. V.II. Porto Alegre: EST, 1990, p. 80.

¹⁹ GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 22 de setembro de 1883, nº 271, p.4.

Dessa maneira, passaram a coexistir na capital da província do Paraná dois grupos diferentes de imigrantes de origem italiana que, conseqüentemente, defendiam pensamentos e maneiras distintas de como preservar a sua identidade étnica. Em outras palavras, passaram a existir na região pelo menos duas formas de representação do sentimento de italianidade. Nesta diferença, que gerou divergências nos discursos e nas relações de poder referentes a esse grupo étnico, é que estão as tensões que investigamos na nossa pesquisa sobre o forjar da identidade dos imigrantes italianos em Curitiba.

Entre o “lá” e o “cá”: a identidade em trânsito do imigrante italiano em Curitiba

Como já afirmamos anteriormente, foi a partir do ano de 1886 que os italianos instalados ao redor de Curitiba passaram a contar com a liderança, tanto espiritual como também social, de um sacerdote católico. Sabemos que este religioso possuía um caráter ultramontano, pautado no discurso de romanização e europeização que era mantido pela Igreja Católica Apostólica Romana da época. Conforme nos aponta Souza, “a ultramontanização e romanização da época, combatia ao mundo moderno, o liberalismo, a maçonaria, a república, o comunismo, os protestantes, entre outros”.²⁰

Nessa direção, acreditamos que durante as visitas feitas às colônias italianas da região de Curitiba, com intuito de prestar atendimento espiritual, o padre Pietro Colbacchini passou a proferir discursos antiliberais contrários ao grupo de imigrantes italianos do meio urbano, acusando-lhes de maçônicos. Isso porque, como já se afirmou, esses últimos possuíam características liberais e não se submetiam às vontades da ala conservadora da Igreja Romana. Como explica Azzi, “tratava-se evidentemente daqueles que apoiaram e ou defenderam a unificação italiana consolidada em 1870, e contra os quais a Santa Sé havia respondido com ameaças e condenações eclesiásticas”.²¹

Esta nossa suposição se torna evidente diante do seguinte discurso, que foi proferido pelo agente consular italiano Ernesto Guaita no dia 21 de julho de 1887, por ocasião do lançamento da pedra fundamental do edifício que iria servir de escola e sede para o grupo da Sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi:

Não posso deixar, nesta circunstância de deplorar como de passagem sobre o horizonte de Curitiba uma nefasta ave notívaga, que, com perfídia jesuítica abusando da influência que exerce sobre a ignorância, procura atravessar o

²⁰ SOUZA, Wlaumir D. de. Imigração italiana e Igreja: ultramontanismo e neo-ultramontanismo. In: DREHER, Martin N. (org.) *500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional*. Porto Alegre: Edições EST, 2002, p. 276.

²¹ AZZI, op. cit., p. 76.

desenvolvimento da Sociedade Giuseppe Garibaldi, acusando-a de maçônica e afastando dela os que mais precisam de instrução.²²

Percebemos claramente, por meio deste trecho do discurso público feito por Guaita, que de fato Colbacchini acusava o grupo urbano de maçônico e que, por isso, se esforçava para afastar os italianos das colônias rurais das atividades organizadas pelos indivíduos da referida sociedade. Podemos perceber também que, com seu discurso anticlerical, o agente consular pretendia negar a acusação feita pelo religioso e, ao mesmo tempo, denegrir a sua imagem perante os imigrantes italianos de Curitiba.

Porém, essa declaração pública gerou um protesto organizado pelos colonos de origem italiana fixados nos núcleos agrícolas. Estes se manifestaram em defesa de seu líder espiritual, como podemos conferir a seguir:

Os abaixo assinados imigrantes italianos estabelecidos nos núcleos coloniais dos municípios da Capital, S. José dos Pinhais e Campo Largo nesta Província, tendo notícia de haver o seu compatriota o sr. Ernesto Guaita feito alusões ofensivas e manifestamente injustas e apaixonadas ao muito respeitável Missionário Apostólico o sr. padre Colbachini, em um discurso que pronunciou no dia 30 de julho passado, por ocasião de ser lançada a primeira pedra do edifício da escola italiana, cuja construção promove nesta cidade a sociedade Giuseppe Garibaldi, vêm cumprir o dever de protestar contra tão irregular procedimento do dito seu compatriota, que de nenhum modo exprime os sentimentos dos abaixo assinados, que estão acostumados a respeitar no padre Colbachini o verdadeiro apóstolo da religião de Cristo por seus sentimentos de caridade, de zelo, de desinteresse e amor ao próximo. [...] Os abaixo assinados sabem também que o mesmo Sr. Guaita, juntamente com outros, quer mostrar-se aqui e na Itália como representante da colônia Italiana desta província, e por sua parte aproveitam a ocasião para protestarem contra este fato, pois não têm esses senhores como seus representantes. E quando tivessem necessidade de se fazerem representar, procurariam para esse fim, alguém cujas crenças religiosas fossem idênticas as suas o que não se dá com os aludidos senhores.²³

Esta manifestação pública em defesa de Colbacchini, organizada em menos de duas semanas depois das ofensas feitas a ele, foi assinada por representantes das diversas colônias italianas do entorno da capital, de modo que o abaixo assinado conteve 422 assinaturas, incluindo cerca de 50 nomes de italianos do meio urbano. A existência dessas últimas assinaturas, de imigrantes de origem italiana fixados no centro da cidade em favor do padre, aponta para o fato que nem todos os indivíduos pertencentes ao grupo instalado no meio urbano se definiam como anticlericais, inimigos da fé católica.

²² GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 30 de julho de 1887, nº 168, p.2.

²³ GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 11 de agosto de 1887, nº 178, p. 2.

Sendo assim, compreendemos que mesmo no meio urbano havia italianos que pautavam sua identidade também na catolicidade, da mesma forma que os imigrantes do meio rural. Portanto, percebemos que o processo de identificação dos imigrantes italianos instalados em Curitiba não obedeceu a um simples binarismo, mas sim se constituiu pelo contato com os modelos de representação identitária que foram aqui criados pelos diferentes grupos sociais.

Pudemos ver no documento, parcialmente acima apresentado, que os colonos, além de defenderem o proceder do padre, repudiaram as declarações de Ernesto Guaita, afirmando que este último, apesar de estar na função de agente consular, não lhes representava. Declararam, ainda, que se necessitassem de algum representante escolheriam alguém que tivesse as mesmas crenças religiosas que as suas e não entre os membros ligados à Sociedade Garibaldi. Essa publicação serviu para aumentar ainda mais a tensão entre os dois grupos, de modo que alguns dias depois representantes dos italianos pertencentes à referida sociedade organizaram um contraprotesto. Estes, por sua vez, saíram em defesa do agente consular:

Tendo os abaixo assinados com a maior surpresa e indignação visto aparecer no nº 178 da Gazeta Paranaense as próprias assinaturas abaixo de uma verrina estupidamente e indecorosamente escrita contra o Agente Consular da Itália sr. Dr. Ernesto Guaita, protestam energicamente contra a forma pérfida e indecorosa com que uma comissão composta dos Srs. Busato Francisco, Moletta Sebastião, Marco Mocelin, Marco Feracin, Luiz Bonato e outros poucos obtiveram as nossas assinaturas sem explicar o fim, perguntando apenas qual era a nossa religião, sem nem de longe indicar que as ditas assinaturas deviam servir para ofender o tão digno patriota pelo qual têm a honra de se ver nesta província representados e ao qual devem a mais sincera gratidão e dedicação pela desinteressada, enérgica e filantrópica maneira com que os auxiliou em qualquer circunstância.²⁴

Neste documento, além de defenderem a moral do Sr. Ernesto Guaita, os 21 assinantes afirmavam terem se surpreendido ao verem os seus nomes no protesto publicado contra o agente consular. Segundo eles, os apoiadores de Colbacchini os extorquiram, pois não esclareceram o porquê colhiam as assinaturas, diziam somente estarem recolhendo as firmas daqueles que se consideravam católicos. Além disso, divulgaram uma lista de cinco nomes dos responsáveis pelo abuso cometido, que acusaram de hipócritas e pretensiosos especuladores. Afirmaram ainda que: “podiam ser recolhidas mais assinaturas

²⁴ GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 21 de agosto de 1887, nº 186, p. 3.

nos diversos núcleos fora da cidade, mas é inútil isto por ser notório que o abuso deu-se nesses núcleos”²⁵.

Este contraprotesto, acompanhado de uma declaração em favor do agente consular Ernesto Guaita, foi ainda assinado por 53 outros imigrantes italianos, onde a maioria declarou também sua profissão, onde aparecem muitos negociantes, artistas e apenas um lavrador²⁶. Isto confirma que o grupo ligado à sociedade era formado por indivíduos instalados no centro urbano de Curitiba. Mas, ao mesmo tempo, aponta para a existência de imigrantes italianos instalados nas colônias rurais que também simpatizavam com a forma de identidade italiana promovida por esse grupo nacionalista. Entendemos que este fato também confirma a nossa ideia de que o sujeito imigrante tem sua identidade em trânsito, podendo cruzar fronteiras, não precisando obedecer aos limites impostos artificialmente pelos discursos de representações identitárias.

Essa nossa afirmação se confirma ao constatarmos que alguns imigrantes assinaram tanto o protesto a favor do padre, como o contraprotesto, em defesa do discurso promovido pelo agente consular. Este é o caso dos imigrantes Giovanni Battista Antoniacomi 1º. e Giovanni Battista Antoniacomi 2º., cujos nomes aparecem em ambos os abaixo assinados. Estes dois últimos eram canteiros, cortadores de pedra, italianos provenientes da região de Friuli, que pertenciam à colônia rural Santa Gabriela, mas pelo que parece simpatizavam com a representação da identidade italiana promovida pelo grupo de imigrantes do meio urbano. Da mesma forma que seu parente, Pietro Antoniacomi, que pertencia a outro núcleo rural, a colônia Antônio Prado, mas que também aparece na lista do contraprotesto, junto com os italianos do centro urbano da capital paranaense.

Por sua vez, os cinco colonos acusados de organizar o abaixo assinado contra o agente consular italiano demoraram apenas 4 dias para elaborar uma resposta ao contraprotesto, na qual se defendiam das acusações feitas a eles da seguinte maneira:

Nada do que expõem os contra protestantes, sobre o modo porque foram obtidas as assinaturas é verdade. Os abaixo assinados afirmam que todos os que subscreveram o aludido protesto, o fizeram espontaneamente, e estão prontos a provar isso em juízo, ou por qualquer outro modo. Quem ignora que

²⁵ Idem.

²⁶ Dos 53 signatários, 34 declararam sua respectiva profissão, havendo entre eles: 11 negociantes, 3 canteiros, 2 agrimensores, 2 empreiteiros, 1 engenheiro, 1 proprietário, 1 industrial, 1 desenhista, 1 pedreiro, 1 alfaiate, 1 pedreiro e 1 lavrador.

os colonos desejavam, por si, sem sugestão de quem quer que fosse, protestar contra o ousado procedimento do Sr. Guaita? A causa da religião era a do padre, contra o qual o Sr. Guaita dirigia tão insólita provocação. Qual pois a necessidade de artifício ou engano para conseguir assinaturas? [...] De mais não valia a pena virem em tão pequeno número manifestar-se levianos e inconsiderados em público. A sua manifestação de quase nada poderá servir ao Sr. Guaita pois que 21 nomes, tirados entre cerca de 400 importa em muito pouco ou quase nada, para os efeitos do protesto, a que os retirantes, sem pensar vieram dar toda a força. Diz-se em seguida as assinaturas do contra protesto que seria fácil recolher outros nos diversos núcleos fora da cidade. É simplesmente uma gabolice. Entre o dizer e o realizar vão grande distância. Se pelos meios que deram em resultado as assinaturas já publicadas no contra protesto poderem angariar uma ou duas dúzias de outras, nós poderemos oferecer ainda centenas em favor do protesto.²⁷

Nesta resposta, assinada pelos colonos Francesco Busato, Sebastiano Molleta, Marco Mocelin, Marco Feracin e Luigi Bonato, todos imigrantes italianos provenientes do Vêneto, mesma região de procedência do padre Pietro Colbacchini, nega-se a existência de uma comissão que recolheu os nomes em favor deste religioso, e afirma-se que as assinaturas foram feitas todas espontaneamente. Fica evidenciado, também, que os colonos ficaram do lado do sacerdote, pois ele defendia a causa da religião. E, por fim, declaram que a maior parte dos imigrantes italianos em Curitiba estavam sim do lado do padre, ao afirmarem que conseguiriam ainda centenas de assinaturas em favor do protesto contra Guaita.

Porém, o que mais interessa para a nossa análise da transitoriedade e pluralidade da identidade imigrante é a citação dos nomes dos dois primeiros colonos de origem italiana. Pudemos acompanhar que os mesmos se envolveram na defesa do padre Pietro Colbacchini como o verdadeiro representante da italianidade da qual eles afirmavam pertencer por meio da fé católica. Entretanto, ao procurarmos informações sobre esses dois imigrantes italianos, descobrimos que ambos já haviam até mesmo se naturalizado cidadãos brasileiros. A fim de ilustrar nossa afirmação, segue abaixo o pedido de naturalização do imigrante Francesco Busato:

Francisco Busato, filho de Antonio Busato, natural do reino da Itália, casado, proprietário, de 32 anos de idade, residindo neste distrito há mais de 2 anos e tendo a intenção de nele permanecer quer naturalizar-se cidadão brasileiro, e por isso vem requerer a V. Ex. que lhe mande passar a respectiva carta

²⁷ GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 25 de agosto de 1887, nº 189, p.3.

de naturalização, tomando-lhe o juramento de fidelidade à Constituição do Império. Curitiba, 19 de março de 1883.²⁸

Segundo a documentação, encontrada no Arquivo Público do Paraná, a naturalização de Francisco Busato foi concedida no dia 10 de abril de 1883 e o seu juramento à Constituição do Império do Brasil se deu aos 30 de setembro de 1884, portanto, anos antes do protesto apresentado anteriormente. Esse fato, segundo nossa compreensão, demonstra a pluralidade da identidade deste imigrante italiano que se instalou em Curitiba, que mesmo tendo se naturalizado cidadão brasileiro se envolvia em disputas simbólicas na intenção de defender a preservação do seu sentimento de italianidade.

Ao investigarmos ainda mais a trajetória do indivíduo imigrante em questão, descobrimos que o motivo que o levou a se naturalizar brasileiro foi seu interesse pela política. Segundo as atas de instalação da intendência da Vila de Colombo, antiga colônia Alfredo Chaves, Francisco Busato foi nomeado fiscal da mesma já em 05 de fevereiro de 1890, e assumiu a sua presidência em 11 de novembro de 1891.

Esse fato nos mostra que, apesar de considerar o padre Pietro Colbacchini o legítimo representante da sua italianidade, Busato não obedecia na íntegra as suas ordens. Isso porque o referido sacerdote orientava os imigrantes italianos a não se envolverem na política dos brasileiros, como podemos perceber na orientação feita por ele no trecho de um de seus discursos dirigido aos fiéis: “Vivam em paz com eles, como hóspedes da casa deles, mas sem envolver-vos nas disputas deles e nos partidos políticos, que não servem para vós, e que vos trariam graves danos”²⁹.

Ao constatarmos o envolvimento de Francisco Busato, italiano naturalizado brasileiro, na política local e conseqüentemente a sua desobediência àquele que o mesmo considerava o representante da sua italianidade, percebemos que a identidade dos imigrantes italianos em Curitiba não era fixa, rígida e imutável, mas sim que ela permaneceu em deslocamento, em trânsito, obedecendo aos arranjos sociais dos diversos grupos que compunham a nova sociedade, ou seja, o processo de identificação não se deu por meio da obediência a um discurso único. É o que percebemos também ao investigarmos mais de perto a trajetória de outro imigrante italiano citado acima.

²⁸ CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA, Livro 702, fl.23. Arquivo Público do Paraná.

²⁹ Homilia de Colbacchini na Colônia de Santa Felicidade em 29 de julho de 1894. (Tradução nossa). In: TERRAGNI, Giovanni. P. *Pietro Colbacchini con gli emigrati negli Stati di S. Paolo, Paraná e Rio Grande do Sul 1884-1901. Corrispondenza e scritti*. Napoli: Grafica Elettronica, 2016, p. 570.

Segundo documentação encontrada no Arquivo Público do Paraná, o colono de origem italiana Sebastião Moletta também se naturalizou brasileiro e, comparecendo na Secretaria do Governo Provincial no dia 30 de outubro de 1884, jurou reconhecer o Brasil por sua pátria e fidelidade à Constituição e às demais leis do Império. Porém, mesmo tendo se naturalizado cidadão brasileiro, este último também se envolveu na defesa de Colbacchini como o legítimo representante da identidade italiana em Curitiba. Tanto que é apontado como um dos organizadores do protesto em favor do referido sacerdote e contrário à declaração feita por Ernesto Guaita, agente consular e líder do grupo nacionalista ligado à Sociedade Garibaldi.

Entretanto, ao investigarmos a trajetória do imigrante italiano Sebastião Moletta, pudemos descobrir que o mesmo se juntou ao grupo ligado à referida sociedade poucos anos depois das disputas simbólicas a respeito da italianidade promovida por meio dos protestos e abaixo assinados que evidenciamos anteriormente. Este fato se confirma ao encontrarmos no resultado das eleições para os cargos de dirigentes da *Società Italiana di Beneficenza Giuseppe Garibaldi*, realizadas no dia 29 de julho de 1894, o nome de Sebastiano Moletta, eleito como conselheiro da referida sociedade.³⁰

Entendemos que, ao assumir esse e depois aquele discurso, ao se aproximar deste e depois daquele grupo, o imigrante italiano investigado estava vivendo o seu novo processo de identificação sociocultural. Compreendemos assim que, ao cruzar as fronteiras identitárias impostas de maneira artificial pelos discursos que eram promovidos pelos grupos sociais com os quais o referido imigrante estava em contato, o mesmo demonstra que sua identidade permaneceu em movimento, pois apresentava um caráter móvel e plural.

Considerações finais

Procuramos defender ao longo do texto a ideia de que a identidade do sujeito imigrante não pode ser caracterizada como estável e única, pelo contrário, ela é definida pelas características de transitoriedade e pluralidade. Buscamos nos orientar pelo debate pós-estruturalista, procurando problematizar a questão da formação da identidade como um processo histórico, nos afastando da ideia de que as identidades são essencializadas e naturalizadas.

Da mesma maneira, buscamos nos afastar da concepção que defende que a construção da identidade obedece a oposições binárias, baseada somente na inclusão e na exclusão, na formação de grupos completamente fechados

³⁰ A REPÚBLICA. Curitiba, 04 de agosto de 1894, p. 3.

a transformações sociais. Pelo contrário, acreditamos que “nenhum grupo, nenhum indivíduo está fechado *a priori* em uma identidade unidimensional. O caráter fluutuante que se presta a diversas interpretações ou manipulações é característico da identidade”.³¹

É isso que cremos ter constatado ao analisar a trajetória de indivíduos pertencentes ao grupo de imigrantes italianos que investigamos. Percebemos que esses indivíduos não obedeceram a um simples binarismo no momento em que reconstruíam sua identidade etnocultural, mas que eles circularam entre os modelos de identificação elaborados pelos grupos sociais com os quais estavam em contato. Sendo assim, a identidade desses imigrantes não se fixou nem no “lá” e nem no “cá”, mas transitou “entre” os modelos de italianidade, e por meio desse movimento assumiu um caráter intersubjetivo e plural.

Entre os diferentes modelos de italianidade que foram impostos pelos grupos, o do meio rural, classificado como camponês/vêneto/católico, e o do meio urbano, visto como liberal/italiano/nacionalista, existiram inúmeras outras combinações que definiram a transitoriedade e a pluralidade da identidade desses imigrantes. Tanto que pudemos constatar a existência de imigrantes italianos católicos presentes no meio urbano, inclusive, pertencentes ao grupo definido como liberal e anticlerical.

Da mesma forma, constatamos que houve imigrantes que mesmo pertencendo às colônias rurais simpatizavam com o modelo de italianidade defendido pelos nacionalistas. Mais ainda, pudemos ver que alguns desses imigrantes de origem italiana se fizeram cidadãos brasileiros, mas continuaram se envolvendo em disputas simbólicas na intenção de legitimar sua italianidade. Como também encontramos imigrantes que cruzavam as fronteiras identitárias, pertencendo em um primeiro momento a um e posteriormente a outro tipo de italianidade.

Portanto, constatamos que devido ao seu caráter móvel, a identidade do sujeito migrante possibilita ao mesmo viver um processo de estratégia de identidade. Conforme afirma Cuche,

a identidade é vista como um meio para atingir um objetivo. Logo, a identidade não é absoluta, mas relativa. O conceito de estratégia indica também que o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de uma certa margem de manobra. Em função de sua avaliação da situação, ele utiliza seus recursos de identidade da maneira estratégica. Na medida em que ela é um motivo de lutas sociais de classificação que buscam a reprodução ou a reviravolta das

³¹ CUCHE, op. cit., p. 192.

relações de dominação, a identidade se constrói através das estratégias dos atores sociais.³²

Dessa forma, concluímos que por meio de estratégias de identidade adotadas para se adequar ao novo espaço social e, conseqüentemente, alcançar seus objetivos, os (i)migrantes conseguem fazer uso das diferenças, ou seja, são capazes de negociar com as múltiplas representações identitárias que os cercam e, dessa maneira, mantêm o caráter transitório e plural de sua identidade. Assim, esta última permanece em trânsito, “entre” os múltiplos “lá” e “cá”, que são as diferentes representações identitárias que funcionam como multiplicadoras da identidade (i)migrante.

Artigo recebido para publicação em 14/05/2018

Artigo aprovado para publicação em 11/10/2018

³² *Ibidem*, p. 196.